Quando os gigantes brigam

A desvalorização do dólar e do iuane - principal polêmica do encontro do G20 - atrapalha a economia brasileira. Mas há uma esperança: a inflação na China

Marcos Coronato

Quando os líderes dos 20 maiores mercados do mundo se reuniram pela primeira vez, em 1999, eles esperavam resolver vários problemas. Um deles era a China, com sua política agressiva de vender ao mundo o máximo possível, sem que o mundo consiga vender muita coisa de volta. Uma década depois, o G20 se reuniu novamente na semana passada, na Coreia do Sul, para constatar que, nesse quesito, o mundo andou para trás: não só a China continua fazendo a mesmíssima coisa, como os Estados Unidos também se tornaram parte do problema. Por motivos diferentes, as moedas das maiores economias do mundo, o iuane e o dólar, estão desvalorizadas. Isso torna relativamente mais caro os produtos e serviços de outros países, como o Brasil.

A reunião na Coreia do Sul foi encerrada com um anúncio conjunto dos 20 membros (19 países, mais um representante da União Europeia), em que eles se comprometem a fazer as taxas de câmbio refletir mais a realidade e menos as decisões isoladas de cada governo. O texto é tão solene quanto vago. Há motivos de sobra para que o documento seja ignorado, para que cada país continue seguindo seus interesses e para os brasileiros se preocuparem com isso.

A China está empenhada em continuar a crescer e a abrir postos de trabalho para centenas de milhões de chineses ansiosos por escapar da pobreza. Os Estados Unidos precisam voltar a crescer e a abrir postos de trabalho para evitar que dezenas de milhões de americanos caiam na pobreza. Quando esses dois gigantes se movem - como os EUA fizeram ao decidir injetar US$ 600 bilhões na economia, no início de novembro -, dão cotoveladas em todos os países com que mantêm relações comerciais e financeiras.

O excesso de dólares circulando pelo mundo e os juros baixos nos Estados Unidos têm o efeito de dirigir capital para nossa atraente e exótica combinação de estabilidade com juros altos. No final das contas, o Brasil consegue proporcionalmente cada vez menos dólares com seu esforço vendedor e recebe cada vez mais dólares especulativos. "A disponibilidade de dinheiro no mercado internacional é grande e tende a crescer", diz Ricardo Denadai, economista da gestora de recursos do banco Santander. "E a evolução de nosso saldo em moeda estrangeira preocupa. Ficamos vulneráveis a uma mudança no cenário." Por isso, o presidente Lula falou grosso no G20. "O maior superávit dos Estados Unidos hoje no mundo é com o Brasil. É preciso lembrar isso ao Obama", disse Lula.

A situação deverá se equilibrar no futuro, mas não na velocidade sugerida pelo

Foto

A utilização deste material é exclusiva para fins educacionais

Foto

tom otimista dos presidentes reunidos no G20. "O dólar é a moeda internacional: todo mundo usa porque é a moeda mais líquida, e é a moeda mais líquida porque todo mundo usa", diz o economista Barry Eichengreen, professor da Universidade da Califórnia, especialista em finanças internacionais e autor do livro *Exorbitant privilege (Privilégio exorbitante),* a ser lançado no mercado americano neste mês. "Mas há espaço para mais uma *(moeda)* no século XXI. Acredito que o dólar vai compartilhar esse 'privilégio exorbitante' com o euro e o iuane, mais cedo do que tarde. Vejo uma evolução para um sistema monetário cada vez mais multipolar." Se e quando isso se tornar realidade, medidas adotadas nos Estados Unidos terão menos impacto sobre a economia global, o que será bom para brasileiros e americanos. Até lá, porém, teremos de conviver com alguma tensão.

Expressões **Como** "guerra cambial" e "desvalorização competitiva" podem soar abstratas, mas têm efeitos bem concretos, como o sentido recentemente pela empresa paulista Supergauss, fabricante de ímãs. A companhia emprega 200 pessoas, tem 40 anos e contava, até julho, com um fornecedor na Bahia. Agora, tem de comprar da China. "Os fornecedores chineses da mesma matéria-prima forçaram os preços internacionais para baixo até a empresa baiana fechar", diz Roberto Barth, presidente da Supergauss. "Assim que os •

O saldo da guerra cambial

Por seus próprios problemas, como o juro alto, o Brasil sofre mais com o problema global

MENOS DIVERSIFICAÇÃO

Enquanto a China diversifica, o Brasil vende poucos tipos de mercadoria...

78% do que o **Brasil** recebe ao exportar para a China se concentra em três produtos - minério de ferro, soja e combustíveis

9% apenas do que a **China** fatura ao vender para o Brasil vem dos três principais produtos - todos eletrônicos

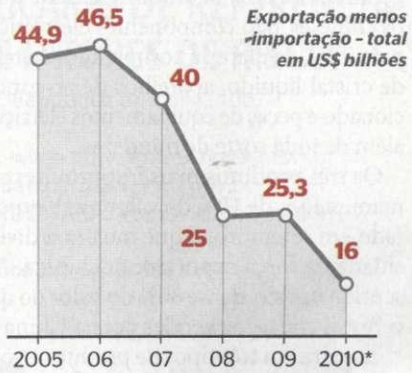
MENOR COMPETITIVIDADE

...passou a ter saldo comercial negativo com os EUA...

* Até setembro

MENOS VENDAS

...e exporta menos para o mundo



* Projeção

Assinatura deste artigo é exclusiva para fi

RECIPROCIDADE
Lula entre outros presidentes em Seul, na reunião do G20. O presidente brasileiro declarou querer que os EUA comprem mais

baianos fecharam, os chineses subiram o preço em 25%." Barth participa da Comissão de Defesa da Indústria Nacional, que reúne setores com histórias parecidas para contar: são fabricantes de escovas, óculos, parafusos, brocas, peças de bicicleta, roupas e outros, todos igualmente assustados.

AS importações brasileiras da China cresceram 65% entre janeiro e setembro. As exportações brasileiras para lá cresceram menos, 36% no mesmo período, e o saldo ainda é favorável ao Brasil. Preocupa, porém, o fato de nas vendas da China predominarem produtos de alto valor, que geram empregos bem remunerados para os chineses. São componentes eletrônicos para TVs, celulares e computadores, telas de cristal líquido, aparelhos de ar-condicionado e peças de equipamentos elétricos, além de toda sorte de miudezas.

Os três produtos mais importantes somam menos de 10% do valor total importado em setembro, o que mostra a diversidade da força exportadora chinesa. No sentido oposto, quase 80% do valor do que o Brasil consegue vender para a China se concentra em três tipos de produto - soja, minério de ferro e derivados de petróleo.

A inflação da China exigirá reação do governo. A solução pode vir daí, e não de acordos internacionais

Esses setores também podem abrir bons postos de trabalho para brasileiros, mas a excessiva dependência de menos empresas torna o país mais vulnerável.

Se a perda relativa de importância do dólar tende a suavizar o problema com os Estados Unidos, o que esperar do lado chinês da questão? A solução pode vir, ao menos em parte, de um fator bem conhecido dos brasileiros: a inflação. Como um Brasil dos anos 70, a China mantém a moeda desvalorizada e cresce muito acima da média mundial. Como um Brasil dos anos 70, a China começa a se ressentir dos aumentos de preços.

O principal índice de inflação indicou 4,4% ao ano em outubro, a maior alta em 25 meses. Os alimentos ficaram 10% mais caro. "E os números foram provavelmente maquiados para disfarçar uma realidade ainda pior", afirma Eichengreen. Na opinião do pesquisador, a China paga o preço por se omitir na defesa do valor de sua moeda. O problema persistirá pelos próximos anos e atingirá o Brasil de forma mais dura por causa de problemas internos, como o juro alto e o investimento baixo. Cabe ao governo tornar o país mais resistente às cotoveladas que virão.

Fonte: Época, São Paulo, n. 652, p. 88-90, 15 nov.. 2010.